

Um cultivo alternativo

Por Delfina de Araujo (*)

Qualquer local, por mais inadequado que possa parecer, pode ser adaptado e se transformar num agradável lugar para o cultivo.



Magnífico exemplar de *Sophranites cenea*

muito sol no verão, pouco ou quase nada no inverno. Como aumentar a umidade ambiental muito baixa? E a chuva?

Era um grande desafio. Será que conseguiria, seria possível fazer ou seria utopia?

Ao compartilhar com as pessoas minha experiência de cultivo alternativo, tenho a intenção de mostrar que, para quem é apaixonado pelas orquídeas, qualquer local, por mais inadequado que possa parecer, pode ser adaptado e se transformar num agradável lugar para o cultivo destas plantas. As dificuldades podem ser superadas na medida em que se apresentam, e as limitações, quase sempre, podem ser contornadas.

No meu prédio, na Zona Sul do Rio de Janeiro, há uma área razoavelmente grande que estava abandonada, não tinha atrativo nenhum, só com um calçamento de cimento, uma goiabeira, um jamelão, uma rocha e um monte de vasos abandonados pelos moradores. Da janela da minha sala eu ficava olhando e imaginando como seria aquele local cheio de orquídeas e logo via: na rocha, um canteiro de *Cyrtopodium*, *Epidendrum*, *Vanda*, *terres*; nos galhos da goiabeira, *Cattleya*, *Oncidium* e *Phalaenopsis*; no jamelão, *Ascocenda* e *Vanda* e, nos canteiros, *Arundina* e *Sobralia*.

Freqüentemente eu me perguntava como fazer para tornar aquele local inóspito, inadequado e sem condições, num jardim de orquídeas. Como adequar todo um aprendizado direcionado ao cultivo tradicional para um cultivo ao ar livre, onde as condições ideais, tais como controle da luminosidade, da água, do vento, fitossanitário, não existiam? Como fazer sem poder instalar uma estrutura que permitisse o controle destes fatores ambientais? Como enfrentar calor escaldante nos meses mais quentes do ano,

Um estudo mais detalhado sobre as condições exigidas pelas espécies se impôs. A condição fundamental foi a escolha de plantas originárias de clima quente e que fossem bem resistentes. A observação também ajudou muito. Este local hostil, árido, é composto de uma rocha que possui três patamares, sendo que no último deles há também uma pequena faixa de terra. Se não fosse pela presença, no primeiro nível, das árvores citadas, nascidas, pela obstinação da natureza, entre o cimento e a rocha, o cultivo seria muito complicado. Todo ele é baseado na sombra de seus galhos que se estendem rocha acima.

No Verão, há muito calor e um sol escaldante de 11 horas até 17 horas. A luminosidade é muito irregular, sendo muito intensa no Verão e parte do Outono e Inverno e existem lugares onde simplesmente não bate sol (como é o caso do primeiro nível) ou bate muito pouco (segundo nível). A luz é filtrada



Foto: Sergio Araujo

A luz é filtrada pelas folhas das árvores

pelas folhas das árvores, mas, ao mesmo tempo, passa entre elas, atingindo a planta diretamente. Esta incidência de luz solar provoca manchas nas folhas, mas, em contrapartida, a floração é abundante. Às vezes, ocorre encontrar folhas queimadas de um dia para outro, pois uma planta que está na sombra em um dia, no outro pode não estar mais.

De acordo com a trajetória do sol, em função das estações, vou mudando as plantas de lugar. Para aproveitar melhor a luminosidade, as plantas mais ávidas de luz são colocadas nos galhos mais altos, tanto da goiabeira quanto do jamelão, as de meia-sombra, na altura média e menos exigentes na parte mais baixa.

Para contornar, ao mesmo tempo, o problema do calor e da umidade ambiental (que é muito baixa, sobretudo no inverno) foram colocados no primeiro nível jardineiras, vasos com plantas maiores (hibisco, jacobina, ficus, schaeferera) e também canteiros, que foram feitos nas encostas menos inclinadas da pedra, com samambaias, bromélias, azaléias, íris, entre outras.

Outro grande desafio que se apresentava era não ter como proteger as plantas durante as chuvas prolongadas. Se chover durante dias, as plantas mais fracas e mudas muito pequenas não resistem. Por isso, evito-as. O risco de perdê-las é muito grande, pois, se colocadas em vasos de argila, secam muito depressa e se desidratam pela ação do vento e do calor e se colocadas em vasos de plástico correm o risco de apodrecer na primeira chuva prolongada. Embora considere o vaso de plástico ideal para o clima do Rio de Janeiro, praticamente não o uso, com exceção do cultivo de *Phalaenopsis*.

Para minimizar o problema da retenção de água no substrato, dependuro alguns vasos, utilizo placas ou palitos de xaxim, tocos de árvore ou cachepots de madeira. Com os *Phalaenopsis*, costumo pendurar o vaso ou o cachepot inclinado ou ainda instalar as plantas invertidas, diretamente em pedaços de xaxim bem macio. Uso também cachepots retangulares onde se podem colocar mais de um vaso. Para vasos médios e pequenos, o recurso é utilizar cestinhas de plástico, com as laterais or



Foto: Sérgio Araújo

Cachepots de madeira minimizam o problema da retenção de água

vazadas e com furos extras no fundo, para aumentar a rapidez da drenagem. Para os vasos maiores que ficam na pedra, optei por jardineiras de argila, fazendo muitos furos no fundo. As melhores são as que têm as paredes retas, pois as de paredes abauladas retêm muita umidade, o que seria bom em função da baixa umidade do local, mas as plantas tendem a apodrecer em dias de chuvas prolongadas.

Não só a água da chuva, mas também a rega, é problemática, pois as plantas que estão dependuradas na árvore ficam sobre outras, maiores, que estão colocadas na pedra. Como o substrato e vaso secam muito rápido, preciso regar com mais frequência, e, em geral, os de baixo, por serem maiores, estão com o substrato ainda úmido quando rego novamente, prejudicando a alternância de umidade/secura tão importante para a saúde da planta.

Em contrapartida a estes desafios, há, pelo menos, uma grande vantagem: a ventilação é muito boa e sempre corre uma brisa.

Com referência à adubação, estando as plantas muito espalhadas e não tendo uma



Destaque para a *Sobralia*

caixa d'água individual, tornou-se muito difícil adotar a adubação foliar. Assim, para os vasos, uso o adubo orgânico, 4 vezes ao ano. Para placas, palitos e cachepots sem substrato, uso o foliar, semanalmente. Com todos eles, uso um reforço de fosfato monobásico de potássio ou um adubo para floração nos 3 meses que antecedem a floração. Adotei um calendário anual no qual estão anotadas, a cada semana, quais as plantas que precisam receber o reforço de adubo. Acompanho o desenvolvimento de cada planta através de um programa de controle em que há uma ficha com as informações mais importantes: da época prevista de floração, se já floriu, qual o mês, tamanho, qualidade e quantidade da flor, problemas de infestação, quando foi reenvasada etc. Assim, a qualquer momento, posso ter uma posição sobre o desenvolvimento da planta, se está progredindo, se a qualidade da floração está melhorando, se a quantidade de flores

está aumentando, quais os meses de floração mais intensa, quais os mais fracos. Este controle ajuda muito na escolha de novas plantas.

Para atingir o objetivo de transformar uma área inóspita num local de cultivo, utilizei, sem preconceitos, todos cantos e suportes possíveis. Instalei plantas em troncos, árvores, diretamente sobre a pedra, em canteiros, placas, cachepots, palitos de xaxim, tocos e galhos de árvore e, na maioria das vezes, vaso de argila com muitos furos. Como substrato, uso praticamente o xaxim desfibrado e um pouco de coxim, a título de experiência. No primeiro nível, em que cultivo plantas que exigem menos luminosidade, instalei-as na encosta, em placas ou palitos presos a um aramado (de camelô) e, até mesmo, cimentei-as diretamente na pedra. Algumas já floresceram como *Maxillaria desvauxiana*, *rufescens* e *brasiliensis*.

Neste local, há uma floração bem satisfatória de algumas espécies de *Oncidium*, tais como *baueri*, *cebolleta*, *harrisonianum*, *morenoi*, *sarcodes*, tipo equitante, *praetextum*, *lanceanum*, *jonesianum*, este com floração muito irregular, híbridos tipo Aloha e Sherry Baby. O interessante é que este local não funciona para o *flexuosum*.

Debaixo da goiabeira, coloquei os *Phalaenopsis*, *Brassia lawrenciana*, *Lonopsis paniculata*, *Oncidium ciliatum*, *Angraecum Longicott*, *didieri* e *sesquipedale* (ainda não floriu). Debaixo do jamelão estão dependuradas as *Cirrhaea saccata*, *Gongora bufonia*, *Xylobium squalens*, *Stanhopea insignis*, *Trichocentrum fuscum*.

O maior número de plantas é concentrado no segundo nível que recebe no verão, sol praticamente o dia todo, filtrado pelos galhos mais altos da goiabeira. No inverno, o tempo de exposição e a área atingida são menores. Este nível é composto por um pedaço da rocha quase plano, onde estão as jardineiras de argila com os vasos e nos galhos da goiabeira, vasos e placas de xaxim dependurados. Nas jardineiras estão: os híbridos de *Brassavola*, *Laelia* e *Cattleya*; algumas espécies, sobretudo *warneri*, *intermedia*, *forbesii*, *loddigesii*, *luteola* e *aurantiaca*; dependuradas ficam *Aerides lawranceae*, *Oncidium flexuosum*,

Leptotes bicolor, *Miltonia flavescens*, *clowesii* e *spectabilis*. Nos galhos mais altos, possibilitando receber mais luminosidade sobretudo no inverno, estão *Potinara Hoku Gem*, *Dendrobium anosmum*, *compactum*, *crumenatum*, *leonis* e *anceps*, *Blc Keowee*, *Catasetum Susan Fuchs* e *pileatum*, *Sophronitis cernua*, *Vandáceas* em geral.

Em encosta, também cimentei algumas plantas como *Oncidium flexuosum*, *Cattleya forbesii*, *guttata* e *intermedia* além de *Encyclia vespa*, que já floriram.

O terceiro nível é o que apresenta melhores condições de luminosidade: pleno sol, muita luminosidade e meia-sombra e a incidência dos raios solares não varia tanto quanto nos outros locais.

Na parte quase plana e ensolarada, fiz um canteiro cercado de pedra, com uma camada de terra preta e uma camada de areia com terra preta e xaxim desfibrado misturado com torta de mamona para o *Cyrtopodium paranaense*, *Epidendrum denticulatum* e *radicans*. No mesmo canteiro, há também *Vanda teres* e *Renanthera*, instaladas num tronco. Para o *Cyrtopodium* dito *andersonii*, misturei pedra, um pouco de areia e um pouquinho de terra.

Nos galhos mais altos do jamelão, estão *Vandáceas* em geral (*Ascocenda*, *Vascostylis*, *Vanda tricolor* e *sanderiana*) dependuradas e, debaixo deles, os vasos de *Cattleya labiata*, *Encyclia vespa* e *odoratissima*, *Miltonia clowesii*, *Lc Molly Tyller*, em jardineiras. Na pequena faixa de terra, cultivo ainda *Arundina* e *Sobralia*. Neste local há ainda um outro pé de jamelão e sob sua sombra há ainda *Coelogyne swaniana*, *Dendrobium aggregatum*, *moschatum*, *phalaenopsis* e híbridos, e ainda *Laelia purpurata* e *lobata*.

Algumas plantas levam um certo tempo para começar a florescer, mas, depois que florescem pela primeira vez, passam a ser regulares, ao passo que algumas que floresceram logo no primeiro ano tiveram uma floração

seguinte insatisfatória. Cheguei à conclusão de que certas plantas levam até 5 anos para se adaptarem a novo habitat. Baseada no levantamento dos últimos 12 meses, setembro é o melhor mês de floração com 38 plantas (1998), depois foi outubro, com 28, e julho, com 13, foi o pior. Mas, quando faço a comparação com a floração do mesmo mês dos anos anteriores, percebo que há um aumento significativo de ano para ano. Pude observar também que *Phalaenopsis* adora o sol de fim de tarde, *Oncidium baueri* e *sarcodes* florescem sob quase todas condições de luminosidade, e *Epidendrum*, principalmente *radicans* e *denticulatum*, só floresce no sol e com muita umidade. Cultivo-os em pequenos vasos de xaxim, que é também usado como substrato e exposto diretamente aos raios solares.

Enfim, o fundamental é querer cultivar e, depois, procurar plantas que possam se adaptar ao ambiente. Não somos nós que escolhemos as orquídeas, são elas que nos escolhem, por mais que tenhamos preferência por alguma espécie. Se ela não gostar do nosso habitat, não adianta insistir. Mas não se preocupe, sempre haverá uma que vai se adaptar ao seu.

Em relação ao meu desafio, acho que posso dizer que venci, pois consegui fazer um jardim de orquídeas numa rocha. ▼

(*) Delfina Araújo - <http://delfina.simplenet.com>
Brazilian Orchids



Jardim de orquídeas em plena rocha

Foto: Sergio Araujo